

A nova cara da insegurança argentina

Falta de ação do governo para deter violência crescente no país desemboca em onda de linchamentos

JANAÍNA FIGUEIREDO

Correspondente

janaina.figueiredo@oglobo.com.br

-BUENOS AIRES- “Sentia os golpes na alma. Não era um extraterrestre, era um rapaz de nosso povo: um delinquente, é verdade. E me lembrei de Jesus, o que diria se tivesse estado ali, como árbitro? Quem estiver livre de pecado, que dê o primeiro chute”. Assim expressou o Papa Francisco sua sensação quando foi informado sobre o linchamento de David Moreira, de 18 anos, na cidade argentina de Rosário, em carta enviada a dois amigos argentinos que vivem na Europa. O caso do jovem delinquente, assassinado por moradores de um bairro de Rosário, na província de Santa Fe, após assaltar uma mulher, marcou o início de uma onda de linchamentos no país que comoveu o Pontífice e abriu um debate político, já em clima de campanha eleitoral, sobre o expressivo aumento da violência — hoje a maior preocupação dos argentinos.

Em meio aos linchamentos (mais de 12, em apenas duas semanas) e ao crescente descontentamento da população pela falta de políticas eficientes no combate à insegurança, o governador da província de Buenos Aires, Daniel Scioli, um dos cotados para disputar a Presidência do país em 2015, decretou “estado de emergência” por um período de 12 meses. Somente este ano, 78 pessoas foram assassinadas durante assaltos na maior e mais importante província argentina, onde vive um terço dos eleitores do país.

— Esta é a briga mais sagrada, a briga pela vida — declarou Scioli, que, com esta iniciativa, ganhou vários inimigos dentro do kirchnerismo, que não gostaram nem um pouco da ousadia do governador, ex-vice presidente no governo Néstor Kirchner (2003-2007) e até agora forte aliado de sua viúva e sucessora, Cristina.

MAIOR TEMOR DA SOCIEDADE

Já opositores como o deputado e ex-chefe de Gabinete de Cristina, Sergio Massa, e o chefe de governo da cidade de Buenos Aires, Mauricio Macri, aplaudiram o plano de Scioli, principalmente, por ter reconhecido a gravidade do problema. Já funcionários da Casa Rosada insistem em falar em “sensação de insegurança”.

— Esta declaração de emergência servirá para aplicar todo o peso de um Estado presente aos assassinos e delinquentes. Temos de ser dinâmicos para perseguir e prender criminosos — disse o governador.

O governo provincial convocou 5 mil policiais reformados; destinou cerca de US\$ 6 milhões à compra de novos equipamentos, armamentos e automóveis policiais e também iniciou a construção de oito novas delegacias com capacidade para mil detidos, entre outras medidas. Scioli solicitou o respaldo de todas as forças políticas.



Reação tardia. Policiais reunidos para conter manifestação contra a insegurança em rodovia que leva a Buenos Aires: governador decretou estado de emergência na maior província do país

“O Código Penal permite perseguir um delinquente, detê-lo e entregá-lo às autoridades. Qualquer outra ação está proibida pela lei, seja assassinato, espancamento”

Luis Cabral

Presidente da Associação de Magistrados da Argentina

— Não podemos continuar discutindo entre nós, enquanto morrem inocentes, destroem famílias. Temos de encarar esta luta juntos — enfatizou o governador peronista.

Para a Casa Rosada, trata-se de uma jogada eleitoral que busca posicionar Scioli como um dos favoritos para as eleições presidenciais de outubro do ano que vem.

— Esta questão (da insegurança) não deve ser parte de uma estratégia demagógica para favorecer um tipo especial de candidato — opinou o chefe de Gabinete, Jorge Capitanich.

O governo Kirchner defende que, mais do que prender criminosos, é necessário impedir a ocorrência do crime. Essa sempre foi a premissa defendida por Néstor e Cristina, nas poucas ocasiões em que se referiram ao problema da insegurança. Uma das principais críticas à presidente é justamente o fato de ela não falar sobre aquele que, segundo pesquisas recentes, representa o maior temor da sociedade.

De acordo com estudo realizado pela empresa de consultoria D’Alessio IROL, 70% dos argentinos estão preocupados pela onda de linchamentos, e 28% disseram sentir “satisfação” pelo ataque aos delinquentes.

Analistas locais acreditam que o fenômeno dos linchamentos está relacionado a um contexto político no qual grande parte da cidadania não confia nas instituições democráticas, principalmente nos partidos políticos e na Justiça.

— A Justiça perdeu autonomia pelas pressões do governo e isso faz com que as pessoas se sintam desprotegidas. O temor se transforma em terror, e ele, em conduta terrorífica — explicou o analista político Jorge Giacobbe.

CONDENAÇÃO DA ANISTIA INTERNACIONAL

Para ele, “chegamos ao império da Justiça com as próprias mãos porque muitas pessoas se sentem desamparadas”.

— Neste momento, impera na Argentina a sensação de vazio de poder. A figura da presidente está deteriorada pelos problemas que vem enfrentando e por sua saúde. É muito fácil perceber que grandes setores da sociedade se sentem totalmente desprotegidos e não confiam nem no poder político, nem na Justiça — assegurou o analista.

Juristas locais coincidiram em afirmar que o linchamento é um crime e deve ser castigado.

— O Código Penal permite perseguir um delinquente, detê-lo e entregá-lo às

autoridades policiais. Qualquer outra ação está proibida pela lei, seja assassinato, espancamento, não existe qualquer tipo de autorização para isso — explicou Luis Cabral, presidente da Associação de Magistrados da Argentina.

As declarações do Papa emocionaram os familiares das vítimas, entre elas a mãe de David Moreira.

— Não esperava que o Papa se interessasse por este assunto, acho que é uma pessoa com muito coração, que se interessa pelos demais — disse Lorena Monica Torres, mãe do jovem assassinado em Rosário.

A Anistia Internacional também condenou os linchamentos na Argentina. Em comunicado oficial, a ONG pediu ao governo que adote medidas urgentes para evitar novos ataques e garantir que os casos ocorridos recentemente sejam devidamente investigados. “O linchamento ou execução sumária do autor ou suspeito de ter cometido um delito no lugar no qual foi capturado é um homicídio. Mesmo que no passado tenha sido aceito em diferentes sociedades, tenha tido amplo respaldo social, igual que a escravidão ou a segregação social, constitui uma grossa violação dos direitos humanos”, afirmou a Anistia Internacional. ●

‘Foi doloroso ver os corpos perto da barraca’

Brasileiro diz que número de mortos em avalanche no Everest pode ser maior

VICTOR COSTA

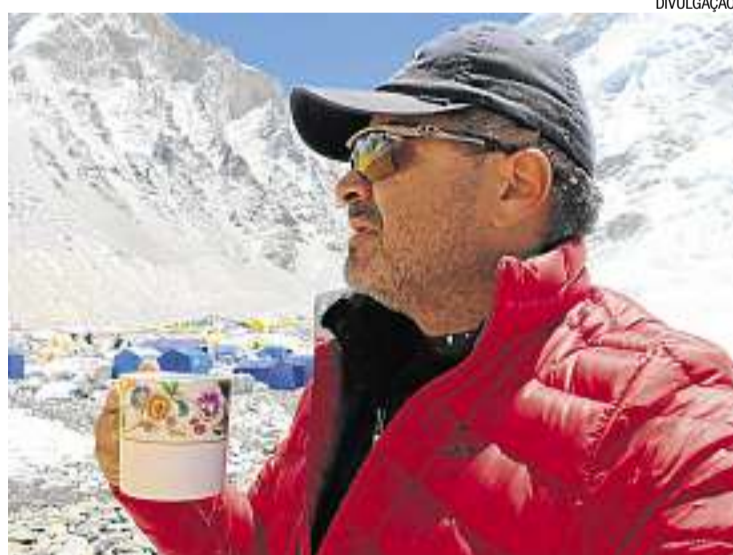
victor.costa@oglobo.com.br

MAURO VENTURA

mventura@oglobo.com.br

O cearense Rosier Alexandre é um dos seis brasileiros que estão no Everest, onde uma grande avalanche matou pelo menos 13 pessoas antontem, de acordo com dados oficiais. Segundo Rosier, entretanto, este número pode ainda ser maior: — Há quem fale em 25 mortos — lamenta o alpinista, em entrevista ao GLOBO por telefone e e-mail. — Foi muito doloroso ver os corpos congelados, trazidos pelo helicóptero, serem empilhados próximo à minha barraca. Foi assustador. Estamos em clima fúnebre, tentando nos refazer.

O deslizamento aconteceu às 6h45m (horário local) de sexta-feira, a 5.800 metros de altitude, na geleira de Khumbu, próximo ao primeiro acampamento da montanha. Equipes de salvamento fazem buscas por sobreviventes.



Everest. Rosier Alexandre, na montanha, diz que não desistirá de expedição

Os mortos são todos guias locais, que estavam num ponto mais avançado da montanha e faziam preparativos técnicos para o início da temporada de escaladas, prevista para a próxima semana. O acidente já contabiliza o maior número de mortos na história da montanha. Antes dele, o mais grave tinha sido em 1996, quando oito pessoas morreram.

Rosier continua no local com mais 15 pessoas. No momento da avalanche, estava no acampamento e nada sofreu, mas três sherpas nepaleses que tra-

balhavam como guias de seu grupo não resistiram.

— Eram três pessoas super simpáticas, alegres. Nós estávamos convivendo estreitamente desde o dia 4 — contou Rosier, relatando detalhes da tragédia. — Eles fizeram tudo correto, mas estavam atravessando uma assustadora cascata de gelo na hora da tragédia.

EXPEDIÇÃO CONTINUARÁ

Apesar do desastre, Rosier garante que não desistirá do desafio de chegar à montanha mais alta do mundo:

— A expedição continua. Talvez mude um pouco a estratégia e até precise usar os dias extras previstos no planejamento — afirmou.

Rosier nasceu em Taipa, zona rural do Ceará, e trabalhou como agricultor até os 15 anos. Ele chegou a ser engraxate e vendedor de fruta antes de se tornar o primeiro nordestino a escalar o Aconcágua (6.962m), na Argentina. Dois dias antes da tragédia, afirmara estar com “um dos melhores guias do mundo” e ainda comentara sobre seu treinamento:

— Estou muito bem preparado. Fiz um ‘intensivão’ para subir o Everest, foi um ano e dois meses de preparação; 90% é técnica, o que inclui bom planejamento e preparação física e mental, e 10%, são as condições climáticas.

Um dia antes da avalanche, dissera que as condições climáticas eram boas, mas já se mostrava preocupado.

— O frio está abaixo normal, e isso tem provocado avalanches à noite, o que não é nada bom. ●



NA WEB
oglobo.com/blogs
No blog ‘Diz Ventura’,
leia sobre o cearense
que saiu da caatinga para o Everest

México e Colômbia disputam cinzas de Gabriel García Márquez

Insuficiências renal e respiratória foram causa da morte, diz rádio colombiana

-CIDADE DO MÉXICO- As cinzas do escritor Gabriel García Márquez

vêm sendo motivo de disputa entre México, país em que viveu por mais de 50 anos, e Colômbia, onde nasceu. Na sexta-feira à noite, o embaixador colombiano no México, José Gabriel Ortiz, chegou a afirmar que ambos os países poderiam prestar suas homenagens ao autor de “Cem anos de Solidão”:

— No México permanecerá pelo menos uma parte (das cinzas), e penso que outra parte poderá ser levada para a Colômbia — disse Ortiz a jornalistas em frente à casa de Gabo, na Cidade do México.

Ontem, entretanto, Ortiz mudou o discurso, garantindo que a família é que divulgará para onde as cinzas seriam levadas:

— É uma decisão estritamente da família, extremamente privada e íntima, e nós, como governo, não vamos nos pronunciar até que ela tenha uma posição oficial.

Enquanto isto, o prefeito de Aracataca, Tufith Hatum, na Colômbia, afirmou que pedirá ao governo federal que mobilize o envio das cinzas para sua cidade, onde García Márquez nasceu em 6 de março de 1927.

Detalhes da cremação e a causa da morte também não foram divulgadas oficialmente por causa da família. Mas o Conselho Nacional do México para Cultura e Artes confirmou ontem que o corpo já foi incinerado, só não precisou quando e onde.

Além disso, segundo a rádio colombiana Caracol, o escritor morreu de insuficiências renal e respiratória. Procurada pelo GLOBO, a funerária J. García López (na Colônia San Ángel, ao sul da Cidade do México), para onde o corpo foi levado, não confirmou a informação a pedido da família. Há 12 anos, García Márquez enfrentou um câncer, que chegou a ser cogitada como a causa de sua morte.

Amanhã, o escritor receberá uma homenagem no Palácio de Belas Artes, na capital mexicana. Os presidentes mexicano, Enrique Peña Nieto, e colombiano, Juan Manuel Santos confirmaram presença. ●